

E.T.A. Hoffmann e Charles S. Peirce

Helmut Pape¹

Resumo: É frequentemente ignorado que, ao entender a percepção como a origem da maioria, se não de todos os conceitos, pensamentos e eventos mentais, E.T.A. Hoffmann é muito mais moderno do que normalmente se supõe. De fato, neste aspecto, ele está próximo de algumas ideias de Peirce e Wittgenstein.

Palavras-chave: percepção e imaginação; conceitos; eventos mentais; cognição

Abstract: It is often ignored that in understanding perception as the origin of most, if not all concepts, thoughts, and mental events, E.T.A. Hoffmann is much more modern than usually assumed. In fact, in this respect he is close to some ideas of both Peirce and Wittgenstein.

Keywords: perception and imagination; concepts; mental events; cognition

Quem caminha, em Bamberg, da Rua dos Judeus para a Fossa do Gelo, seguindo este caminho por sua virada abrupta para a esquerda, sem seguir para a frente, e sobe os quatorze degraus, chegando então no pequeno beco que se chama “Inferno”, depara-se, depois de uns passos, diretamente em frente da Reitoria Católica, com a casa Fossa de Gelo 14. Assim como o protagonista Anselmo do conto de E.T.A. Hoffmann “Pote de Ouro”, o caminhante olha então para aquele batente de porta de bronze, que insinua um rosto estranho com olhos e lábios salientes – a Velha das Maçãs. Em verdade, o batente original, há muito tempo, já se encontra no

1. Helmut Pape é Professor Associado (apl.) da Universidade de Bamberg. Ensinou também filosofia nas Universidades de Augsburg, Berlim, Darmstadt e Viena. Seus principais tópicos de pesquisa são pragmatismo, semiótica, teorias das relações humanas e habilidades morais.

museu, de maneira que se trata de uma duplicação. Porém, a nós, sóbrios e saturados das imagens dos nossos tempos, é muito pouco provável que aconteça o que aconteceu ao Anselmo do conto de Hoffmann:



Figura 1. Batente de bronze, Fossa de Gelo 14, Bamberg. Fonte: Von Achates, CC BY-SA 3.0, <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=2633221>.

Lá estava ele, olhando para o grande e belo batente de bronze da porta; mas ao último golpe da torre do relógio da Igreja da Cruz que sacudiu o ar com um som poderoso, quando Anselmo tentou pegar neste batente, o rosto metálico se torceu num jogo nojento de luzes azuis brilhantes para um sorriso grotesco. Ah! Era a Velha das Maças do Portão Negro! Os dentes pontiagudos tagarelaram na boca frouxa, e no barulho rosnou: “Seu tolo – tolo – tolo – espere, espere! Por que você fugiu? Seu tolo! – Horrorizado, o estudante Anselmo cambaleou para trás. Quis agarrar o umbral da porta, mas a sua mão pegou a corda do sino e a apertou. Aí tocou cada vez mais forte, em murmúrios estridentes, e através de toda a casa desolada, um eco chamou e zombou: “Logo a queda no Cristal!” – O estudante Anselmo foi tomado por um horror que estremeceu por todos os seus membros em um arrepio convulsivo de febre.

Hoffmann é famoso, até mesmo infame, por sua imaginação exuberante e transbordante: mágicos e feiticeiros que podem mudar de forma, salamandras que falam e conjuram, cobras verdes, cães e gatos, figuras que mudam entre humanos e animais, animais que começam a falar. Cenários ameaçadores nos quais o herói é perseguido e finalmente se encontra frente a frente consigo mesmo. Todas apenas fantasias exageradamente exuberantes? Exuberância romântica que se distanciou de qualquer percepção normal, cotidiana e de compreensão sóbria?

Mas o que é fantasia, o que é cognição, e qual é o lugar de um em relação ao outro? Qualquer pessoa que esteja um pouco preocupada com

a capacidade humana de percepção e sensação logo perceberá que, em todos os níveis da percepção e sensação, as experiências simples e claras feitas na vida cotidiana estão ligadas e permeadas por um número quase não contado de embaçamentos, ilusões, superposições e interpretações que entram em vigor sobretudo quando a coerência dos processos e das práticas cotidianas são interrompidas ou perdidas inteiramente. Pois muitas dessas decepções e ilusões são simplesmente úteis para o curso normal da vida. No entanto, todas as enganações e ilusões e aquilo que se pode aprender com elas começam a partir de nossas percepções e voltam a elas.

E é precisamente isto que Hoffmann reconheceu, e através deste *insight*, ele é muito mais moderno do que seus filósofos contemporâneos transcendentais e idealisticamente objetivos, Kant e Hegel. No seu conto “O Magnetizador” de 1813, Hoffmann afirma:

Nossa chamada vida intensiva é condicionada pela vida extensiva. É apenas um reflexo desta última, na qual, no entanto, as figuras e imagens, capturadas como num espelho côncavo, se apresentam muitas vezes em proporções alteradas, apresentando-se, portanto, de forma caprichosa e estranha [...]. Afirmo ousadamente que nunca ninguém tenha pensado ou sonhado algo no seu íntimo, no qual não houvesse nenhum elemento da natureza. Nunca o ser humano pode simplesmente sair dela.

A citação do Magnetizador é um de dois lemas que escolhi, em 1976, para minha tese de mestrado em filosofia sobre o tema “A Fundamentação da Cognição dos Fatos na Percepção: Sobre o papel da teoria da percepção no pragmatismo de C.S. Peirce e na filosofia contemporânea”. O segundo lema é de C.S. Peirce e diz: “Eu não apenas opino, contudo, que todo elemento geral de toda hipótese, não importa quão selvagem ou sofisticada ela possa ser, é dada de algum modo na percepção, mas arriscar-me-ei a ir tão longe a ponto de afirmar que toda forma geral de juntar os conceitos é, nos seus elementos, dada na percepção” (CP 5.186, 1903).

Assim, Peirce argumenta a favor de um externalismo na emergência dos processos mentais do pensamento e da cognição que ele compartilha não apenas com Hoffmann, mas também com os filósofos contemporâneos. A forma curta desta visão moderna da mente encontra-se em Wittgenstein, que escreve, nas suas *Investigações Filosóficas* (§580): “Um processo ‘interno’ necessita de critérios externos”.

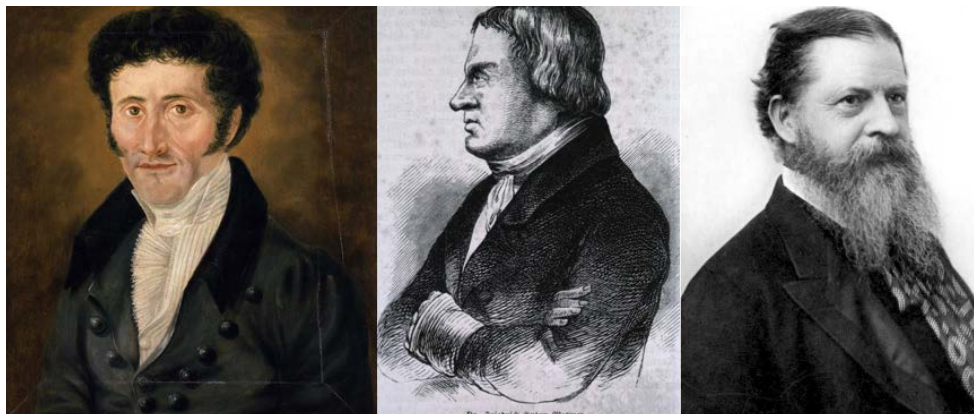


Figura 2. ETA Hoffmann (1776-1822), Franz Anton Mesmer (1734-1815) e Charles S. Peirce (1839-1914). Fontes: 1. Alte Nationalgalerie, <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=76818100>; 2. CC, <http://ihm.nlm.nih.gov/images/B19138>; 3. New York Public Library, CC, <http://www.britannica.com/EBchecked/media/35130/Charles-Sanders-Peirce-1891>.

A ligação produtiva do mental com o perceptível, o externo, também é evidente na estrutura da narrativa de Hoffmann. “O Magnetizador” conta a história do magnetizador e médico Alban, que usa a hipnose para manipular a Baronesa Maria, de 16 anos de idade. Trata-se da chamada hipnose mesmerista, uma técnica de hipnose desenvolvida pelo médico Franz Anton Mesmer, contemporâneo de Hoffmann. Mesmer assumiu que havia uma energia nos seres humanos análoga ao eletromagnetismo, que poderia ser ativada hipnoticamente. A técnica e as teorias de Mesmer atraíram muita atenção na época e foram discutidas de forma controversa. Hoffmann toma esta nova técnica de hipnose – e ao mesmo tempo a reinterpreta como uma relação entre processos externos e internos: ele a entende como um instrumento para influenciar as atitudes, pensamentos e ações das pessoas através dos outros.

Na época, fiquei impressionado com a maneira como Hoffmann sempre usa fantasias, ficções e sua interpretação, tanto na construção do Magnetizador como nas fantásticas figuras de suas outras obras, para reinterpretar as percepções, para reformulá-las. Pois é o indefinido, a abertura e o indeterminado da percepção cotidiana que Hoffmann utiliza de forma radical, ao reformular e sobrepor a imaginação à percepção. Assim, no espaço das possibilidades do perceptível, até o cotidianamente indefinido, se torna visível, pois é narrado.

(Tradução: Winfried Nöth)

Referências

HOFFMANN, Ernst Theodor Amadeus. *Contos fantásticos*. Tradução: Claudia Cavalcanti. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

PEIRCE, Charles Sanders. *Collected Papers*, v. 1–6, Hartshorne, Charles; Paul Weiss (eds.); v. 7–8, Burks, Arthur W. (ed.). Cambridge, MA: Harvard University Press, 1931–58 [Obra citada como CP, seguido pelo número do volume e número do parágrafo].

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações Filosóficas*. Tradução: José Carlos Bruni. São Paulo: Abril Cultural, 1979.